

# O REPÓRTER

CURSO DE JORNALISMO UNAERP

2º SEMESTRE 2022 EDIÇÃO 8



## AVENIDA DA SAUDADE SE MODERNIZA E COMERCIANTES CRITICAM

O Programa Ribeirão Mobilidade implantou corredor de ônibus na principal avenida dos Campos Elíseos, uma das mais antigas e importantes vias de Ribeirão Preto. A modernização promove um trânsito mais rápido para os usuários de transporte coletivo e um novo visual, arejado, com asfalto recapiado e sinalização refeita. Mas, a falta de áreas de estacionamento na própria avenida, em frente ao comércio, rende crítica dos lojistas e consumidores. [Páginas 3 e 4](#)



## LAGOA DO PETA, EM JABOTICABAL, VIROU BARRO E SUMIU DA MAPA

Os jaboticabalenses tinham um lago abundante, usado para lazer, pescarias e passeios. Com o tempo, o entorno foi sendo desmatado e recebeu moradias. As mudanças provocaram o assoreamento da Lagoa que hoje se resume a menos de 10% dos 39 mil metros quadrados que tinha há 20 anos. No lugar, restou um pequeno círculo barrento. [Páginas 16 e 17](#)



## BANDIDO LENDÁRIO, DIOGUINHO ERA INTOCÁVEL EM SÃO SIMÃO

Diogo da Silva Rocha é ainda o mais famoso bandido do interior de São Paulo, mesmo tendo cometido seus mais de cem crimes no final do Século XIX. Na região de São Simão, onde viveu por muito tempo, era amigo de fazendeiros e dizem que recebia gado como pagamento pelos assassinatos. Deixou até mesmo simpatizantes na cidade. [Páginas 19 e 20](#)

## MUSEUS FECHADOS DEIXAM A HISTÓRIA DE RIBEIRÃO NO ESQUECIMENTO

Os Museus do Café e Histórico, no campus da Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto, estão fechados há seis anos devido à falta de conservação e risco aos visitantes. Parte do teto de uma das salas desabou em 2016 e até hoje a reforma e o restauro não foram feitos. [Página 5](#)

## POPULAÇÃO QUE DEPENDE DO SUS SOFRE COM FALTA DE ATENDIMENTO

Cândia, distrito de Pontal, tem somente uma UBS que funciona até às 17h e uma ambulância velha que raramente está no ponto, em caso de emergência. Em Ribeirão Preto, a Prefeitura fez mudanças no sistema e deixou os moradores da Vila Virgínia, sem postinho. [Páginas 2 e 14](#)

# MORADORES QUEREM VOLTA DE POSTO DE SAÚDE NO BAIRRO

VILA VIRGÍNIA RECLAMA DA MUDANÇA DA UBDS PARA O POSTO CENTRAL, AO LADO DA RODOVIÁRIA

LUCIMARA SATURNINO

Moradores da Vila Virgínia, Jardim Centenário, Vila Guiomar estão solicitando mais unidades básicas de saúde no bairro. O posto de saúde de atenção básica foi substituído há um ano por uma UPA - Unidade de Pronto Atendimento. A antiga UBDS Vila Virgínia Dr. Marco Antônio Sahnão, mais conhecida entre os moradores como CSU, foi transferida para a Avenida Jerônimo Gonçalves, no centro da cidade.

De acordo com os moradores, a mudança dificultou o acesso, devido ao fato de a maioria da população ser carente e não ter condições financeiras para transporte público ou veículo próprio. A aposentada Valquíria Aparecida Barbosa Lima de Almeida, de 62 anos, fala que depois da transferência para o centro ficou difícil o acesso. “São muitos os moradores que não possuem condições financeiras para o transporte até ao centro, além de dificuldade física. Para consulta de rotina, ir ao dentista, receber medicação diariamente, tenho que depender do meu filho, que também precisa trabalhar”.

Além da distância, a população se queixa também da demora para conseguir o agendamento de consultas e exames. “A gente já tem idade, tenho 73 anos e meu esposo 81, ele está debilitado. É muito difícil, me senti muito prejudicada com esta transferência do posto da Vila Virgínia para o Central. Principalmente porque não temos automóvel e inclusive a maioria dos moradores aqui do bairro é carente, não tem dinheiro nem



Lucimara Saturnino

Aposentada Valquíria depende do filho para ir ao médico

quase para comer, imagina para condução”, reclama a aposentada Maria do Carmo Alves da Silva.

A aposentada diz acreditar que, como ela, muitos desistiram de marcar consulta com médicos, pois para isso são necessárias várias idas e vindas à UBDS central, próximo à rodoviária. “A gente tem que ficar indo várias vezes para conseguir agendar consulta, depois voltar para agendar exame, para coletar exame e depois para tentar agendar outra consulta para ver o resultado do exame.

Por toda essa dificuldade, eu passei um bom tempo sem me consultar. Por causa disso, quando a pessoa chega no médico, a condição já está bem mais grave”.

Dona Maria do Carmo ainda fala que a UPA deveria ter sido instalada no posto central e a UBS ter permanecido no bairro. “Olha, pra você ver, a Vila Virgínia ficou sem postinho e o centro sem Unidade de Pronto Atendimento”.

Procurada pela reportagem, a Secretaria Municipal de Saúde, até o fechamento desta edição, não se manifestou.



Lucimara Saturnino

Antes CSU, agora UPA Sul

# CORREDOR DE ÔNIBUS DA AVENIDA SAUDADE GERA POLÊMICA

OBRA FICOU PARADA DURANTE DOIS ANOS E FAZ PARTE DO PROGRAMA RIBEIRÃO MOBILIDADE



Arthur Brunello

Esquina da Sorveteria do Geraldo, um dos pontos mais famosos da Avenida

## ARTHUR BRUNELLO

A Avenida Saudade é uma das vias mais tradicionais e referência para os ribeirão-pretanos. A avenida corta os Campos Elíseos, um dos bairros mais antigos da cidade, e tem a maior concentração de comércios fora do Centro.

Agora, com o novo Programa Ribeirão Mobilidade, a Avenida Saudade está sofrendo alterações, com a instalação de uma faixa exclusiva para ônibus e a extensão das esquinas, que estão gerando certa polêmica entre os comerciantes ao longo da via.

## VISÃO DOS LOJISTAS

Uma parcela dos lojistas não vê urgência em implantar um corredor de ônibus na Avenida, já que o trânsito flui bem no local. Para eles, não há sentido na remodelação, pois afunila o tráfego e dificulta o comércio. Além disso, nesse ínterim, as obras, que ficaram paralisadas, atrapalham o fluxo e o movimento dos clientes, prejudicando as vendas.

O empresário Cláudio Cardoso diz que para os comerciantes a situação é bem complicada, devido à paralisação das obras por dois anos que deixou a avenida sem calçadas durante o período. “Quem fez essas calçadas, fomos nós, os

lojistas. Só que nessa retomada, estão prejudicando novamente todos os comerciantes, estão segurando o trânsito, travando tudo. Agora, sobre o que vai acontecer com esse trânsito, a gente espera que aconteça algo melhor, mas eu tenho as minhas dúvidas. Acho que vai complicar mais, a Avenida Saudade não vai ter estacionamento, e um corredor para ônibus, em Ribeirão Preto, não sei se é tanto ônibus assim, para gastar tudo isso com a obra. Eu acho que não tem necessidade.”

Do mesmo modo, Leticia Padovan, outra proprietária de um comércio da Avenida, criticou a obra. “Na Avenida Saudade não tem uma quantidade tão grande de ônibus assim, para que fizesse necessário esse corredor, porque são poucas linhas. Fora isso, vão ter pouquíssimas vagas, porque vai ser uma faixa de ônibus, e uma de carro, o que vai prejudicar o estacionamento. Ao meu ver, como lojista, não tem necessidade de uma obra desse tamanho para a quantidade de ônibus que circula aqui. As obras atrapalham muito o lojista, as pessoas não conseguem entrar nas lojas, cadeirantes e deficientes não conseguem passar e nem atravessar a Avenida”.

Outra comerciante, Joyce Alves, além de não concordar com a instalação

do corredor, expressou preocupação com a segurança do local e percebeu uma queda no movimento da Avenida. “Não estou de acordo, deixar uma via só para os ônibus não é viável, pois atrapalha os outros carros. A avenida tem estacionamento dos dois lados, o que ocupa muito espaço da via. Acho que prejudicou muito a população que deixava de descer para o centro e preferia a Avenida Saudade, por ter tudo com um fluxo menor de pessoas. Você não acha mais vaga para parar, tem que procurar nas ruas ao redor, uns três quarteirões da Avenida”. Joyce explica ainda que há uma questão da segurança, pois as pessoas se sentem mais seguras transitando na avenida. “Aqui tem muito roubo e as pessoas ficam com receio de entrar no bairro. Querendo ou não, a gente (o estabelecimento) é novo aqui, mas dá para perceber que o movimento caiu. Essa faixa de ônibus diminuiu a frequência, ninguém mais vem na Avenida como antes.”

Por outro lado, o comerciante Mauro César Pontes, vê que a obra é algo necessário, que pode melhorar a avenida e o trânsito no local. Essa também é a posição da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (ACIRP), que reconhece que as obras geram prejuízos, mas são necessárias para melhorar

a mobilidade urbana. A Acirp entende que após prontas devem valorizar as áreas que recebem essas melhorias.

### BENEFÍCIOS DA OBRA

O engenheiro de tráfego Fernando Velázquez esclarece mais questões sobre o corredor de ônibus, principalmente, os seus benefícios. “A contribuição é muito grande, visto que existe uma demanda alta de transporte público, na região, e a estruturação dos corredores é muito importante, para ampliar o deslocamento das pessoas, de uma maneira efetiva. Além disso, contribui para a redução do trânsito, já que o número de carros vai diminuir”.

É importante esclarecer, que o corredor de ônibus não fica restrito à instalação da faixa exclusiva, é necessário frequência, várias linhas, pontos de parada com abrigo, para as pessoas poderem utilizar os ônibus e os veículos devem estar com boa qualidade. Esses fatores envolvem um grande benefício para o transporte público, que estimula as pessoas a usá-lo. Em relação ao estacionamento, ele acaba sendo sacrificado para um bem maior, que é o coletivo. Devemos pensar no deslocamento

do maior número de pessoas, e isso é permitido com a realocação do estacionamento para as ruas perpendiculares à Avenida Saudade. As vagas são distribuídas priorizando o transporte coletivo. Muitas cidades de médio e de grande porte estão priorizando as diretrizes de mobilidade urbana, com os corredores de ônibus, que são de um benefício muito grande”.

Nesse sentido, em retorno, a Secretaria Municipal de Obras informa que a implantação dos corredores de ônibus na avenida Saudade integra o programa Ribeirão Mobilidade, que garante modernidade, fluidez e segurança para motoristas e pedestres que transitam pelas regiões contempladas pelo programa, além de fomentar o uso do transporte público municipal. Para a Secretaria, as obras geram melhor qualidade de vida para a população, com projetos que garantem acessibilidade, estímulo a deslocamentos sustentáveis, ciclovias e nova iluminação.

O corredor de ônibus da avenida Saudade começa na altura da rotatória das avenidas Mogiana com Brasil, na Praça Antônio Lopes Balau, passa pelas avenidas Brasil e desce pela avenida da

Saudade até à Francisco Junqueira. Esse trecho recebeu a execução da fresagem e recapeamento asfáltico (capa final da avenida), remanejamento de redes de água e esgoto para execução do pavimento rígido para parada de ônibus na rua São Paulo e rampas de acessibilidade na avenida Saudade.

A pavimentação das vias segue o padrão dos corredores de ônibus, com reforço na capacidade de suporte do pavimento em função do tráfego intenso e do peso dos veículos. A obra contempla, ainda, a revitalização do passeio para garantir acessibilidade aos pedestres, principalmente àqueles com mobilidade reduzida. As esquinas da avenida contarão com rampas de acesso para cadeirantes, piso tátil direcional e de alerta, indicando os pontos de espera e de travessia, além da remodelação dos canteiros.

Portanto, depois de uma paralisação durante a Pandemia, que afetou diretamente os comerciantes, que chegaram a desembolsar do próprio bolso para fazer uma calçada para os clientes, a obra do corredor de ônibus da Avenida Saudade caminha para o tão aguardado final.



A direita, a antiga Casa Fukayama, uma das referências da via

Arthur Brunello

### EXPEDIENTE

O jornal comunitário “O REPÓRTER” é uma publicação do curso de Jornalismo da Unaerp. Realizado como atividade prática laboratorial das disciplinas Produção e Edição em Jornalismo II, Design Gráfico II e Fotografia, ministradas na 4ª etapa do curso, é um jornal de bairro, dirigido a bairros de Ribeirão e Região.

**EDIÇÃO:** Prof.<sup>a</sup> Elivanete Zuppolini Barbi

**EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA:** Prof. Jefferson Barcellos

**APOIO TÉCNICO E EDITORAÇÃO GRÁFICA**  
Gabriel Bordonal e Luciano Filho (LECOGRAF)

### UNAERP – UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

**Reitora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzelei de Castro França

### COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO

Prof. Geraldo José Santiago

### REPORTAGEM E FOTOGRAFIA

Ana Beatriz Fabbri, Ana Beatriz Fogaça, Ana Laura de Barros, Arthur Brunello, Arthur Miranda, André Merice Eduardo Nazaré, Emanuelle Fernandes, Enzo Pires, João André Gregio, Kelvin Vendito, Kléber Fernandes, Lucimara Saturnino, Maria Rosa Lembi, Susanna Nazar, Vitória Noventa

# HISTÓRIA DE RIBEIRÃO PRETO CLAMA POR RESTAURO

MUSEUS DO CAFÉ E HISTÓRICO ESTÃO FECHADOS HÁ SEIS ANOS DEVIDO A PROBLEMAS ESTRUTURAIS



Eduardo Nazaré

Deterioração do prédio histórico impede a entrada de visitantes

## EDUARDO NAZARÉ

Os Museus do Café e Histórico, localizados no campus da Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto, antiga fazenda Monte Alegre tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), há mais de duas décadas precisam de restauro. Fechados há seis anos devido à má conservação das instalações, os museus guardam a história da era do café e têm seus acervos escondidos nos porões dos prédios. Um novo projeto de restauro, aprovado em 2021, está previsto para ter início ainda este ano, segundo a Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto.

O maior problema do Museu do Café está no telhado, segundo Daniel Basso, diretor dos Museus durante oito anos e ocupante do cargo quando o local foi interdito. O telhado construído com telhas francesas, muitas quebradas, apresentava falhas estruturais por conta da queda de galhos das árvores ao redor dos prédios.

Isso permitia a entrada da água da chuva nas salas, atingindo as peças do acervo e o piso de madeira antigo. Segundo Basso, a quantidade de água era tanta que era necessário tirá-la com rodos. Havia também infiltração pelo piso de madeira atingindo o porão, onde fica a reserva técnica – local onde as peças do museu são guardadas e restauradas enquanto não estão expostas.

Preocupado com o estrago na estrutura do prédio, Basso conta que fez um

ofício à prefeitura, pedindo que as goteiras fossem consertadas. Porém, devido às telhas francesas, o restauro tinha que passar por um estudo para que fosse autorizada a troca, que nunca ocorreu. “Eu vi que estava molhando, que tinha goteira em cima do piano e em cima de um monte de peças que estavam lá, estragando. Consegui um patrocínio do Ribeirão Shopping, de 500 telhas. Eu mesmo subi e troquei as telhas quebradas porque eu não concordava com a história de acabar com o museu por causa das telhas”, afirma Basso.

### DANOS À COMUNIDADE

Com as portas fechadas quem sofre é a população. Segundo Basso, o Museu do Café era o terceiro museu mais visitado do Brasil. “Nós recebíamos dois ônibus de manhã e dois de tarde com crianças de toda a região, sem contar que tinha o chorinho de domingo que estava sempre lotado”, conta o ex-diretor. Após a interdição, crianças e adultos foram impedidos de acessar parte da história.

Devido à má conservação dos prédios históricos, os museus tiveram que ser interditados para reforma em 2016. Basso, comenta que como recebia visita de muitas crianças, tinha medo que parte da estrutura pudesse cair e atingi-las. “Tive sorte em fechar o museu, porque depois de uma semana caiu uma sala inteira, eu tenho inclusive imagens das câmeras. É por isso que eu falo, eu não me arrependo, acho que eu fechei no momento certo. Não fechei o museu, interditei para um restauro, uma reforma”, afirma Basso.

### NOVO PROJETO DE RESTAURO

Em 16 de dezembro de 2021, no Palácio do Rio Branco, sede da Prefeitura de Ribeirão Preto, foi aprovado projeto executivo de arquitetura e engenharia para reforma e restauro do complexo dos Museus Histórico e do Café. O projeto pretende angariar R\$15 milhões iniciais de instituições públicas e privadas para restauro dos prédios dos Museus, a Casa do Colono, o coreto, o belvedere, os jardins e os entornos dos museus. Além do restauro dos prédios já existentes, serão construídos um novo local para estacionamento e um novo prédio para reserva técnica.

A secretária de Cultura, Isabella Pessotti, diz que a ideia é começar as obras ainda esse ano para que os eventos culturais realizados nos entornos dos museus possam voltar a acontecer. O que trava o início das obras, segundo a secretária, é a atualização das planilhas de custo pela empresa que ganhou a licitação. “Trabalhando de forma ininterrupta, conseguiremos entregar a obra completa em três anos”, afirma o prefeito de Ribeirão Preto, Duarte Nogueira.

Para Isabella, o museu é um espaço que mora no imaginário das pessoas, onde muita gente teve suas histórias. “As pessoas dizem muito assim: eu frequentava o museu quando criança e não poder levar meu filho é muito pesado. Os Museus do Café e Histórico são a missão mais difícil, e talvez a mais importante, no sentido de satisfação da equipe para olharmos para aquilo e falar que a missão foi cumprida”, conclui Isabella.

# BAIRRO DE RIBEIRÃO PRETO TEM NOME DE EX-PRESIDENTE DITADOR DURANTE O REGIME MILITAR

ENQUETE APRESENTA A OPINIÃO DE MORADORES SOBRE O NOME DO JARDIM PRESIDENTE MÉDICI



Bairro pacato, de classe média, localizado na zona leste de Ribeirão Preto

## MATHEUS HENRIQUE

Cidades e estados brasileiros vêm atuando para coibir a indicação de pessoas envolvidas em tortura e violação dos direitos humanos para nome de ruas, avenidas, bairros e monumentos. Em 2015, a prefeitura da cidade de São Paulo chegou a lançar um programa para substituir nomes ligados à ditadura militar no Brasil (ou mesmo no exterior), mas ainda existem locais que continuam homenageando agentes e colaboradores do período militar. Em Ribeirão Preto, o bairro Presidente Médici, localizado na região leste da cidade, faz honraria ao terceiro ditador titular do mandato mais violento entre os chefes militares.

Para o historiador José Antonio Correa Lages, conhecido como Professor Lages, o bairro ter esse nome tem um peso importante: “Nomear ruas, avenidas, bairros, escolas ou postos de saúde com nomes de pessoas é simbólico e significativo, pois parte da liderança política da cidade se mobilizou para fazer essas nomeações e estão de acordo com o que foi feito por essas lideranças ou com o que prevaleceu politicamente naquele período. Para os moradores, não significa que defendem o nomeado, eles estão ali por outras razões”.

Lages completa dizendo que “em Ribeirão Preto, não é apenas o bairro Presidente Médici que faz essa homenagem a um ditador, você tem outros, como por exemplo, a Avenida Castelo Branco, ao lado do bairro, ou outras como a Avenida Costa e Silva”.

O processo para nomeação é concretizado por um decreto municipal. “Na construção de um bairro, para nomear as ruas ou o próprio bairro, pode valer projetos aprovados na Câmara, mas o que vai confirmar a nomeação é o decreto assinado pelo prefeito, que pode aproveitar as sugestões de nomes aprovadas pelos vereadores.”

Em 1973, o então prefeito municipal, Antônio Duarte Nogueira, pai do atual prefeito, denominou por decreto o nome “Presidente Emílio Garrastazu Médici”, para o loteamento que passou a ser conhecido como “conjunto Presidente Médici”, em 1985, época da gestão de João Gilberto Sampaio (1983-1988), como Parque Permanente de Exposições.

## PARA OS MORADORES

Em uma pesquisa de opinião realizada com os moradores do bairro, seis dos dez entrevistados não conheciam o Presidente Médici.

Na opinião da moradora Sabrina Waideman, de 40 anos, o bairro receber um nome de um ex-ditador não é aceitável. “Esse tipo de homenagem a pessoas

que foram tão nocivas à sociedade brasileira, como é o caso de um ditador, é um absurdo ainda existir. Acredito que já passou da hora da gente repensar no nome do bairro, avenidas ou de qualquer coisa que faça menção a pessoas tão ruins para a história do Brasil e que estão ligados a uma parte tão triste da nossa história”, diz a moradora.

Em contrapartida, outros moradores defendem o nome, a liderança militar de Médici e as ações do governo da época. Quando perguntados sobre a possibilidade de substituição do nome, dos dez, apenas quatro dos entrevistados aderem à mudança. Para a maioria o nome não faz e nunca fez diferença.

Sabrina, é uma das quatro moradoras que repensaram. “Com certeza eu aprovaria uma mudança para o nome, para fazer homenagens a figuras históricas que tiveram uma contribuição mais positiva para a história do nosso país”.

Para o historiador Lages, é preciso cautela para desconstruir esses nomes e não jogá-los no esquecimento. “Corre-se certo risco de eliminar a memória da crueldade dessas pessoas. É importante para as pessoas saberem quem foi o Presidente Médici e tudo o que aconteceu nesse período da história do Brasil. Tudo dependendo muito do momento e da questão política, mas hoje não cabe mais essas novas nomeações”, aponta.

## QUEM FOI GARRASTAZU MÉDICI

Após atuar como comandante e general do exército, Emílio Garrastazu Médici foi indicado em 1969 pelo Alto Comando das Forças Armadas como o sucessor do presidente Costa e Silva. Com o regime militar instaurado no Brasil desde 1964, Médici governou o País até 1974. O período conhecido como “milagre econômico”, teve o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e o aumento do poder de consumo da classe média. Entretanto, seu governo ficou conhecido como “Anos de Chumbo”, em que fortaleceu o Ato Institucional n.º 5 (AI-5) à Constituição brasileira, suspendendo o direito de votar e ser votado nas eleições sindicais, restringindo o direito de realizar atividades políticas e instituindo a liberdade vigiada para os cidadãos. O governo Médici exerceu forte censura e repressão política, ocorrendo durante sua presidência 400 casos de desaparecimento, até hoje nunca esclarecidos.

# NO JARDIM BOTÂNICO UMA NASCENTE ESTÁ ABANDONADA

ÁREA DE PRESERVAÇÃO PRIVADA DEVERIA SER UM PARQUE MANTIDO PELA PREFEITURA



Enzo Pires

Área de preservação não recebe os cuidados necessários e população ignora seu valor

## ENZO PIRES

A Reversa Ambiental Nascente, do Programa de Municípios Verde Azul, localizada no Bairro Jardim Botânico, em Ribeirão Preto, é uma Área de Preservação Privada (APP). No entanto, o local se encontra em péssimo estado, com mato alto e lixo espalhado. Apesar do descaso por parte da população, a Prefeitura de Ribeirão é a principal responsável pelo estado da área.

Para Catherine D'Andrea, secretária do Meio-Ambiente, a nascente é uma importante área que contempla as ações do Programa Município Verde Azul (PMVA). “O programa é uma plataforma ambiental para o governo colocar em prática questões de sustentabilidade.”

Porém, de acordo com Marcelo Marini, professor e apresentador do podcast “Ambiente é o Meio”, da Rádio USP, a situação da Nascente é preocupante. “É triste ver uma área tão linda desse jeito. Alí era para ser um parque, para ter uma calçada, e não ficar desse jeito.”

Para o professor, a Prefeitura, responsável por aquela área, não vem fazendo um bom trabalho no modo com que vem tratando da Nascente. “Área Pública não significa que tem que ser abandonada. Se fosse privada, a prefeitura já tinha multado os responsáveis. Isso é um descaso.”

Um dos motivos que também deixam essa área nesse estado é a falta de divulgação. Em um balanço feito sobre o tema, com algumas pessoas que passavam pela região, a maioria não sabia que se tratava de uma área de preservação. Cerca de 75% das pesso-

as não sabiam sobre a Nascente estar em uma APP, 20% não sabia que ali havia uma nascente e somente 5% sabiam a respeito.

Por conta de não ser de conhecimento do público, a população não critica a falta de cuidados com a área. Marini alertou que todos podem denunciar, mas é um caso que pode demorar muito para ser resolvido. “Caso ninguém agir, é possível fazer uma denuncia ao Ministério Público, mas até resolver pode demorar.”

## IMPORTÂNCIA DAS NASCENTES

As nascentes são um afloramento de água do lençol freático que emergem no solo ou em rochas, e dão início a pequenos cursos de água, sendo responsáveis pelo funcionamento das bacias hidrográficas.

Uma reserva ambiental tem como objetivo preservar a biodiversidade e demais atributos naturais presentes em seus limites, sem nenhuma interferência humana direta ou modificações ambientais. Elas são de extrema importância para a sobrevivência humana, já que são fontes primárias de subsistência e manutenção de vida, fornecendo alimentos, equilibrando a temperatura, controlando o efeito estufa e muito mais. Essas reservas podem ser classificadas como Parques Nacionais, Reservas Biológicas, Reservas Ecológicas, Reserva da fauna, entre outras.

## PROGRAMA VERDEAZUL

O Programa Município VerdeAzul, responsável pela Nascente Modelo, foi lançado em 2007 pelo Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria do Estado do Meio Ambiente. Esse

programa, o PMVA, tem o propósito de inovar, medir e apoiar a eficiência da gestão ambiental com a descentralização e valorização da agenda ambiental nos municípios.

O principal objetivo do Programa VerdeAzul é estimular e ajudar as prefeituras do Estado de São Paulo na elaboração e execução de suas políticas públicas estratégicas para o desenvolvimento sustentável.



Enzo Pires

Placa de identificação da nascente vandalizada

# FLUXO DO COMÉRCIO EM BAIRROS DA ZONA LESTE REDUZ DURANTE FÉRIAS E RECESSOS NA UNAERP

COMERCIANTES RELATAM ALTERAÇÃO NAS VENDAS QUANDO COMPARADA A PERÍODOS DE AULAS



Arthur Santos

Bares em torno do campus ficam lotados e atraem até jovens e estudantes de outras instituições

## ARTHUR SANTOS

Devido à movimentação ao redor do campus da Unaerp, na Ribeirânia, empreendedores resolveram abrir o seu próprio negócio visando o grande fluxo de moradores, estudantes e funcionários que transitam nas imediações da Universidade. Além disso, o bairro oferece uma boa localização e possui duas avenidas muito movimentadas apesar da característica residencial.

Entretanto, em períodos como feriados prolongados e férias escolares, os comerciantes sentem forte queda no faturamento, devido ao baixo movimento dos estudantes.

“A gente trabalhava dependendo da faculdade, depois conhecendo o que a gente chama de período sazonal da faculdade, eu descobri que eu não posso depender só dela. Então hoje eu não dependo necessariamente. Ela me traz um retorno financeiro maior, mas eu posso te assegurar que a maioria dos comércios desse quarteirão dependem da faculdade”, diz Marcelo Souza, pro-

prietário de uma padaria localizada na avenida Costabile Romano.

O comerciante afirma que quando não há aulas, na região parece feriado. “É incrível como a universidade influencia. Claro que não tem o mesmo volume de vendas de quando ela está funcionando, mas eu tive que aprender a me virar, porque eu entendi que tem períodos de recesso.”

Muitos empreendedores dizem que não dependem exclusivamente da Universidade, mas reconhecem a discrepância nas vendas. “Depois da pandemia, o fluxo ficou mais fraco, caiu muito. Mesmo com feriados e no período de férias a gente mantém aberto; a gente não depende da faculdade e o fluxo não altera muito para nós”, explica o funcionário de uma copiadora localizada a 50 metros do campus.

## OCUPAÇÃO DOS IMÓVEIS

Além de afetar o comércio, a Universidade também influencia diretamente no índice demográfico do bairro, que conta com prédios residenciais voltados para estudantes de outros municípios que vêm estudar em Ribeirão Preto. Esses jovens, em vez de fazer o chamado

bate-volta das suas cidades para as aulas, preferem ou necessitam morar próximo ao campus.

Izaac Silva, zelador de um edifício próximo à Unaerp, relata que praticamente todos os moradores são estudantes. Dos 273 apartamentos, somente 40 são ocupados por moradores locais. Os demais são estudantes que transitam entre suas cidades e Ribeirão Preto. “A maioria é de outros estados. Quando chegam as férias, ficam vazios os prédios, como nos meses de julho, dezembro e feriados prolongados. Fica menos de 20% da capacidade”.

Segundo o zelador, na região a maior procura é por aluguel ou venda de imóveis para estudantes e investidores. Mas, também há procura por aqueles que querem morar no condomínio devido à estrutura. Esses residenciais construídos com foco em moradia estudantil costumam ter seu próprio comércio voltado para os moradores. Silva diz que na mercearia, “a cada três dias o estoque zera, tem que estar repondo”. Em época de provas, o energético é o que mais sai. Outra coisa de comércio que também gera muito movimento é o serviço em delivery. Muito, muito.”



# SERTÃOZINHO HÓQUEI CLUBE, APÓS 42 ANOS, MANTÉM SUA IMPORTÂNCIA NA CIDADE

UMA HISTÓRIA DE CONQUISTAS E INSPIRAÇÃO PARA ATLETAS, JOVENS E CRIANÇAS, QUE PRATICAM O ESPORTE



Ana Beatriz Fogaça

Time profissional do Sertãozinho Hóquei Clube treina, participa e vence campeonatos

## ANA BEATRIZ FOGAÇA

O atual campeão brasileiro de hóquei sobre patins é um veterano carregado de troféus. Fundado no ano de 1980, o Sertãozinho Hóquei Clube, acumula 54 títulos, entre campeonatos paulistas, brasileiros, sul-americanos e mundiais.

Em maio deste ano, conquistou o 21º título nacional. O time é o quarto no mundo com mais títulos e o primeiro das Américas. Com mais de 40 anos de história, o hóquei em Sertãozinho viveu, e ainda vive, anos de glórias e de muitas conquistas, assim como momentos difíceis, mas sempre levando o nome da cidade e incentivando a prática esportiva.

Vitor Manuel Nogueira, atual presidente do Clube, conta que no ano de 1980, já praticante do esporte, foi convidado pelos jogadores profissionais de hóquei na época, Haroldo Pérsio Requena e Teco Requena, ambos já falecidos, para fundar o Sertãozinho Hóquei Clube. Começava ali sua história no clube. De jogador, Nogueira virou treinador em 1994 e quatro anos depois se tornou presidente pela primeira vez. Durante todos esses anos, o ex-atleta se lembra de um momento importante: “o primeiro título

sulamericano, em 1982, que veio um mês depois da morte de Haroldo, um momento de muita tristeza”. Haroldo morreu em um acidente de carro, aos 29 anos, comovendo toda a cidade.

O atual presidente comenta que, “em 1985 nós tivemos a fase de ouro, onde a gente foi campeão do campeonato paulista, brasileiro e sul americano. Eu chamo de tríplice coroa”. No ano de 1991, o clube conquistou novamente os três títulos. “O Sertãozinho sempre teve várias fases, algumas boas e outras nem tanto, mas sempre disputando títulos, tanto nas categorias de base, como no adulto”.

### CATEGORIAS DE BASE

O resultado da dedicação nas categorias de base é inegável. O atual goleiro do time profissional, Marcelo Tová, conta que começou sua história no hóquei aos sete anos de idade, quando se mudou para um bairro próximo ao Ginásio de Esporte Pedro Ferreira dos Reis, conhecido como “Docão”.

Inaugurado em 1982, palco de diversas conquistas do hóquei, além de ser o local de treinamento do Clube até hoje. Sob influência dos amigos na época, Tová comenta que o treinador falou que estava faltando um goleiro e fez o convite. “Isso foi em uma sexta-feira, na segunda eu já fui para o

treino com os meus amigos, comecei a treinar e estou até hoje”.

“O hóquei foi e é tudo na minha vida até hoje. Me ensinou o mais importante, a educação, e conviver com as pessoas, com respeito”, diz o atleta. Com o clube, o goleiro já jogou em muitos lugares, conheceu gente em vários países pelo mundo e trouxe essas amizades que seus anos no hóquei proporcionaram, o que, para ele, é o mais importante nessa trajetória.

Tová já foi convocado algumas vezes para integrar o time da Seleção Brasileira, disputou este ano o campeonato Sulamericano, em que o Brasil conquistou o terceiro lugar. “Agora saiu também a convocação para o mundial, que vai ser disputado em novembro, em San Juan”, comemora.

Toda essa paixão pelo hóquei é compartilhada pelos sertanezinhos. Atualmente, são mais de 300 crianças que praticam o esporte na cidade, além de outras 500 da patinação artística, aponta o presidente, que acredita que com esporte e educação é possível mudar a realidade. “O objetivo maior com as crianças é tirá-las da rua. Se conseguir salvar meia dúzia já é um bom caminho”.

### INVESTIMENTO NO ESPORTE

Para manter o esporte na cidade, além de patrocínios externos, a Prefeitura Municipal de Sertãozinho, mantém

uma parceria com o Sertãozinho Hóquei Clube. A parceria é realizada nos termos da Lei Federal n.º 13.019 de 2014, que institui normas gerais para as parcerias entre a administração pública e organizações da sociedade civil. Segundo Sílvio Blancacco, atual secretário de Esporte e Lazer do município, anualmente são feitos os investimentos necessários para manter a modalidade.

O atual presidente comenta que, “sem o investimento da prefeitura, a gente não conseguiria existir. Este ano o clube conseguiu disputar o campeonato brasileiro que aconteceu em Santos, graças à Secretaria de Esporte e Lazer que pagou todas as taxas”.

O secretário entende a importância do esporte para o município e lembra que “o hóquei identifica a cidade, na região, no estado, no Brasil e no mundo.

Desde os anos 1980, com sua implantação, está enraizada a tradição do hóquei sobre patins, que faz Sertãozinho ser a Capital Brasileira do Hóquei”. Além disso, ao realizar campeonatos no ginásio do município, “houve uma melhora sensível na rede hoteleira e gastronômica, aliado ao agronegócio”, esclarece Blancacco, que também é ex-jogador da equipe.

Pensando no futuro do esporte na cidade, Sílvio Blancacco conta que pretende continuar os investimentos. “A Prefeitura tem por objetivo manter essa modalidade à frente, como referência, para levar o nosso município e manter essa tradição. Com isso, investimos forte na modalidade com as categorias de base, ou seja, Sub 12, Sub 13, Sub 15 e Feminino”.



Marcelo Tová e Vítor Manuel Nogueira

Ana Beatriz Fogaça

## JOVENS SE DESTACAM EM MEIO À DESIGUALDADE SOCIAL

*O JOÃO ROSSI, BAIRRO POPULAR NA REGIÃO MAIS NOBRE DE RIBEIRÃO, REVELA TALENTOS DESPORTIVOS*

BEATRIZ FABBRI

Um bairro composto por condomínios de Cohab, com moradores de baixa renda, dentro da zona sul de Ribeirão Preto. O João Rossi carrega o peso de possuir carências e necessidades nas áreas de cultura, educação e lazer, segundo levantamento da Prefeitura de Ribeirão Preto, realizado em 2008.

Constituído como conjunto habitacional, ali há apartamentos que são vendidos por menos de 100 mil reais, enquanto a cinco minutos de distância, os bairros vizinhos são avaliados e vendidos pelo quádruplo desse valor.

Esta é uma desigualdade vivida pela atleta Fernanda Poletto, profissional de polo aquático, que morou e estudou na Escola Municipal Elisa Duboc Garcia, localizada no bairro.

Fernanda começou a nadar na Cava do Bosque e lá conheceu o Polo Aquático, uma modalidade de elite, da qual ela só pode participar em um projeto público, uma oportunidade que dificilmente estaria dentro da sua realidade. “A escola em que estudei era de um bairro carente e as condições não eram as melhores. Eu nunca tinha ouvido falar de polo aquático” diz. Uma situação diferente de suas colegas, que já podiam nadar e se desenvolver desde novas devido às suas condições sociais. “Por ser um esporte muito diferenciado, olímpico, demanda muito dinheiro para se manter. Mas como a escola sabia que eu era atleta de alto

rendimento, me apoiaram nos estudos e incentivaram os treinos.”

Com Thayla Martinelli não foi diferente. Atleta de MMA, participou de projetos na escola Elisa Duboc Garcia que a levaram cada vez mais para o mundo dos esportes, área pela qual sempre foi apaixonada. “Tive oportunidade de fazer milhares de coisas, como hip-hop, arremesso de peso e atletismo”, relembra. Apesar de nunca ter tido experiência na área de artes marciais, Thayla afirma que “foi a partir do bairro e da escola que vi que levava jeito pra coisa”

Ao contrário de Fernanda e Thayla, Nathan Domingos, jogador profissional de futebol, teve o esporte presente em sua vida desde sempre e projetos específicos nunca faltaram. Ele começou a jogar na quadra do bairro participando das propostas oferecidas. “Sempre fui fã de futebol e pela escola tive muitas oportunidades. Foi por lá que comecei a me desenvolver e correr atrás do meu sonho.”

### NOVA REALIDADE

Graças a estes projetos sociais jovens como Thayla, Fernanda e Nathan conseguiram mudar a realidade de suas vidas e puderam trabalhar com aquilo que amam e sabem fazer.

Grande parte dos projetos no João Rossi são realizados através de trabalhos voluntários, como o do professor de karatê, Danilo Peres, que dá aula na Escola do bairro há 13 anos. “O voluntariado não é fácil, é preciso muito amor e dedicação para conceder o seu

tempo e o seu horário nobre para dar aulas gratuitamente. Por outro lado, sinto-me profundamente recompensado no João Rossi de outras mil maneiras”, destaca. Por meio das aulas, Danilo já conseguiu contribuir para transformar a vida de muitos jovens que, mesmo após saírem da escola, permanecem no karatê.

O professor ainda comenta como a prática do esporte ajuda a comunidade. “Crianças que eram extremamente tímidas, graças ao karatê começaram a se soltar; ou alunos com tendências à agressividade que, aos poucos, vão se mostrando mais tranquilos e responsáveis”.

Danilo afirma que “o karatê contribui, seja tirando as crianças da rua, seja levando-as a Paris como fez em 2017 para disputar o campeonato mundial”. Sair do país não é algo possível para maioria das pessoas do bairro, mas graças ao projeto tornou-se viável e os participantes puderam ir.

O professor tem planos de abrir uma academia no conjunto habitacional e continuar com o projeto, e assim como ele, os atletas também declaram ter o sonho de conseguir retribuir tudo que receberam da comunidade através de projetos com crianças e continuar revelando talentos espalhados pelo João Rossi. “Esses projetos são muito importantes para tirar a criança da rua e dar uma orientação. Eu acho que é uma coisa que estão precisando”, finaliza Thayla.

# DIVERSIDADE ESPORTIVA NO BAIRRO JARDIM SÃO LUIZ

AABB RIBEIRÃO PRETO OFERECE DEZ MODALIDADES ESPORTIVAS PARA A POPULAÇÃO DA CIDADE

SUSANNA NAZAR

Fundada há 58 anos, a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) de Ribeirão Preto disponibiliza dez modalidades esportivas para a população da cidade, além de uma academia e espaço para jogos de carteadado de lazer. Futebol, Futevôlei, Beach Tennis, Tênis, Vôlei, Futsal, Handebol, Natação, Patinação Artística e Capoeira são as opções de esporte que podem ser praticadas no Clube localizado na Avenida Portugal, 3035, no bairro Jardim São Luiz. Qualquer interessado pode participar das atividades, aulas e treinos, pois não é necessário ser funcionário do Banco ou associado para se inscrever.

Segundo a presidente da AABB Ribeirão, Rosa Maria Biagiotti, devido à origem do clube, os sócios possuem benefícios, como espaços reservados, desconto na mensalidade, entre outros. “Nós percebemos que a comunidade ainda acha que é necessário ter um relacionamento com banco e ser sócio do clube”.

O professor e treinador de vôlei, Edvaldo Pereira, conhecido como Lim, atua na AABB desde a década de 80. De acordo com ele, o próprio esporte se tornou uma forma de divulgação do clube, através de jogos e competições. “Atualmente, a AABB é o clube mais esportivo da cidade, que tem o maior número de modalidades”, declara.

Presente em todo o país, a primeira AABB foi fundada em 18 de maio de 1928, no Rio de Janeiro, por funcionários do Banco do Brasil que o representavam em torneio de futebol patrocinado pela Federação Atlética Bancária



Primeira AABB foi fundada em 18 de maio de 1928 no Rio de Janeiro

e Alto Comércio (FABAC). Em Ribeirão Preto, sua história começa em 1960, época em que o corpo de funcionários do Banco do Brasil era considerado o maior patrimônio da entidade. “Ele [o Banco] procurava facilitar a criação de clubes sociais, esportivos, artísticos e culturais, como as AABBs, de forma a incentivar o convívio além dos locais de trabalho, também em um lugar de lazer”, conta o associado e membro do Conselho Deliberativo, Antonio Francisco Marques. A partir de uma assembleia, no dia 12 de março de 1964, o clube foi fundado em uma chácara chamada Moinho. De acordo com Marques, só em 1968 a Associação passou a ser no local que permanece até hoje.

## CRIANDO RAÍZES

Os primeiros passos do clube foram a construção da quadra e do campo de futebol. Em 1971, a primeira piscina

foi construída e, com verba que o banco disponibilizava para a AABB, eram feitas outras construções conforme o necessário. De acordo com a presidente do clube, até meados da década de 80, o Banco direcionava uma verba para a AABB, além da mensalidade que os funcionários pagavam proporcionalmente ao salário. No entanto, com algumas mudanças nas políticas, esse subsídio foi cortado e o clube teve que se sustentar apenas com as mensalidades. “Visto isso, tivemos que ser criativos. Por meio de parcerias com os esportes fomos mantendo a AABB e ampliando suas modalidades”, declara Rosa.

A gerente geral e membro da diretoria social, Rosana Kelli, acompanha a AABB há mais de 20 anos. Segundo ela, ao longo da história, o clube passou por muitos direcionamentos, fases com maior movimento e outras a ponto de fechar. “Quando eu entrei na AABB ela era lotada de gente; faziam churrasco, festas juninas, mas isso foi acabando, né? Os funcionários do banco foram diminuindo, abriu para comunidade, o espaço era muito grande para comportar tanta despesa e pouca receita”, relata. “Passei pela fase que a AABB precisava de direcionamento financeiro, mas de forma social, a partir de confraternizações; e pelo direcionamento estratégico, para poder passar pelas crises de verba. Agora, acredito que o clube esteja em um momento de diversificar os esportes, e isso é muito forte, essa visão de qualidade de vida após uma pandemia que quase quebrou a AABB de ribeirão”, finaliza.



AABB de Ribeirão Preto fica na Avenida Portugal, 3035, bairro Jardim São Luiz

# CLUBE HISTÓRICO DE CRAVINHOS PASSA POR RESTAURAÇÃO

O CRAVINHOS TÊNIS É UMA DAS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS DA CIDADE E PASSA POR REESTRUTURAÇÃO



Em 2015, o clube entrou em crise financeira e todas as suas atividades foram pausadas

## KLÉBER FERNANDEES

O Cravinhos Tênis Clube é um patrimônio histórico da cidade vizinha a Ribeirão Preto. Fundado em 1950, os eventos, a área das piscinas e as quadras eram frequentados pela sociedade cravinhense. Bailes de gala mobilizavam os casais, rapazes e moças. A cidade inteira comentava sobre os acontecimentos que, durante muitos anos, foi o único clube e o principal *point* da cidade. Com as mudanças nos costumes dos pequenos municípios, o clube entrou em declínio e foi à falência em 2015. Agora, com uma nova diretoria, busca se reerguer.

Na década de 1950, quando deram início às construções do espaço, moradores da cidade se tornaram sócios. Assim, com essas primeiras vendas de títulos remidos, foi fundado o CTC. O clube entusiasmou a sociedade e deixou saudade nos antigos frequentadores.

“Ah, os bailes do clube da época eram incríveis, a expectativa de cada baile era grande, viu? Nos meus tempos de baile, festas e carnavais, a gente ia para se divertir mesmo, tinha turma da cidade inteira, todos amigos”, comenta a sócia e digital influencer, Débora Loffter Thomasine.

Outra sócia antiga, Edilaine Jaqueta, comenta que as festas eram as únicas da cidade naquele período. “Cravinhos era menor antigamente e o Clube promovia os melhores bailes. A cidade parava para poder prestigiar”, explica a sócia.

O Cravinhos Clube tinha também times de futebol, vôlei, judô e natação e, por isso, atraía jovens, adolescentes e crianças.

Porém, após alguns anos de declínio e mudança nos costumes dos sócios, em meados de 2015, o clube entrou em crise financeira e todas as atividades entraram em pausa. Sócios ficaram inseguros e chegaram a pensar que o clube fecharia as portas. Durante esse tempo, o CTC passou por diversas trocas na diretoria e presidência. “Confesso que quando ouvi a palavra falência, me bateu um desespero”, comenta Débora.

“O momento de transição e a instabilidade causada pela inadimplência associada à falta de experiência dos antigos diretores quase levou o clube ao fechamento. Não sabíamos o que iria acontecer com

os funcionários, já que a maioria trabalha no Clube há mais de 20 anos”, comenta a funcionária e professora de natação, Roberta Duchini.

## NOVA DIRETORIA

Atualmente, a diretoria é composta por empresários, advogados e contadores, amigos que se uniram para resgatar o local, tendo à frente como presidente, o contador Hermelindo Rizzo Júnior. A nova direção tomou posse em dezembro de 2021. “Tem um time incrível de pessoas doando horas de trabalho e de conhecimento para recuperação das instalações do clube”, diz Guto Yamada, o primeiro tesoureiro.

São poucos meses de trabalho, mas já é possível ver as mudanças e melhorias. “O CTC está passando pela revitalização de sua estrutura física, que sofreu com a ação do tempo. É o principal clube da cidade e esse cuidado com a zeladoria é fundamental para que os frequentadores tenham um ambiente agradável e bonito”, diz Yamada.

Atualmente, todos os esportes voltaram às atividades normais. Roberta Duchini fala que cresceu no clube. “Ali aprendi a nadar. Hoje ensino os associados a nadarem. É muito importante o CTC manter os esportes ativos”. Para Débora, o clube é a sua segunda casa. “Eu sou suspeita, pois este é o lugar onde eu pude viver a minha infância e hoje a minha família pode frequentá-lo”, finaliza.



O CTC é um patrimônio histórico de Cravinhos (SP), fundado em 1950

# EM BATATAIS, QUIOSQUES DO LAGO ARTIFICIAL CONTINUAM SEM UTILIZAÇÃO E RODOVIÁRIA ESTÁ ABANDONADA

POLÍTICOS PROMETEM MUDANÇAS NA ÁREA, QUE TEM POTENCIAL PARA ATRAIR TURISTAS, ATÉ 2023



Terminal Rodoviário de Batatais está sem manutenção adequada e causa medo nos usuários

## VITÓRIA NOVENTA

O lago artificial “Ophélia Borges Silva Alves” é um dos principais pontos turísticos de Batatais. Localizado na área central da cidade, o lago fica em meio a uma área verde onde, há cinco anos, foram construídos quiosques com dinheiro do Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias - DADE. Ao lado, fica o terminal rodoviário, porta de entrada da cidade e também um ponto de trânsito de turistas e batataenses. Ambos os locais, apesar de sua importância, estão abandonados e aguardando investimentos da gestão municipal.

No lago, foram investidos cerca de 370 mil reais para construir estruturas que servissem à instalação de estabelecimentos comerciais, como lanchonete, pizzaria, revistaria e sorveteria. Porém, esses espaços, prontos e até com placas de identificação, foram “esquecidos” e estão fechados e vandalizados.

Construído na década de 1980, o parque que abriga o lago tem vegetação nativa, possui academia e parquinho ao ar livre, uma fonte e calçadão para prática de ciclismo e prática de caminhada.

“Nos fins de semana, quando volto para Batatais para visitar minha família, meu pai e eu gostamos de passear pelo Lago Artificial com meu irmão mais novo, Lucas, de 6 anos, devido ao parquinho e à bela natureza”, diz a estudante Naiara Tardivo. Apesar de gostar, ela afirma que seria interessante que os quiosques estivessem funcionando. “Seria uma diversão maior ainda, poderíamos tomar sorvete, ou comer algum lanche, sem contar que traria mais movimento para a região.”

Segundo a secretária de Cultura e Turismo de Batatais, Paula Machado, os quiosques estão em processo de licitação e, provavelmente, no ano que vem já estarão abertos e funcionando.

### PORTA DE ENTRADA

Assim como o lago, o terminal rodoviário de Batatais foi inaugurado na década de 1980 com o intuito de substituir a antiga rodoviária por um espaço maior, já que na época a cidade pretendia ser referência em turismo na região.

Principal ponto de embarque e desembarque de passageiros da cidade, a rodoviária municipal também está descuidada, com os banheiros interditados,

suja e vandalizada. Outro problema no local é a falta de iluminação, causando medo e preocupação nas pessoas que utilizam o entorno do lago e a rodoviária como passagem durante a noite.

“Uma vez tive que pegar o último ônibus de Batatais para Ribeirão Preto, às 22h30 e chamei a Guarda Civil para me acompanhar enquanto aguardava o ônibus, pois a rodoviária estava totalmente escura e sem lâmpadas,” diz Leila Pereira.

“A verba de três milhões do DADE em 2022 é investida em dois pontos da cidade, sendo metade para o bosque e a outra metade na Rodoviária, que será transformada em um Centro de Eventos. A ideia já foi aprovada pelo departamento e o projeto foi entregue em 5 de outubro. Sendo aprovado, irá para licitação”, explica a secretária.

No projeto, toda a rodoviária será preparada para receber eventos da cidade e ao lado será criado um ponto de ônibus para o embarque e desembarque de passageiros.

A Feira do Livro de Batatais deste ano, que aconteceu entre os dias 17 a 22 de outubro, foi realizada na Rodoviária. O local passou por pintura e uma revitalização dos banheiros.

# EM CÂNDIA, TENTE NÃO ADOECER DEPOIS DAS 17 HORAS

MORADORES DO DISTRITO SOFREM COM FALTA DE ATENDIMENTO INTEGRAL DE EMERGÊNCIA

MARIA REIS

A saúde pública é um dos pilares principais da sociedade e em uma pequena comunidade que conta somente com uma Unidade Básica de Saúde, um bom sistema de atendimento aos pacientes é essencial. Cândia, distrito de Pontal, localizada a 15 km da cidade sede, tem apenas a UBS Dr. Ruy Nogueira Costa. Para suprir a carência no atendimento, principalmente os de emergência, os moradores precisam de um sistema de ambulância rápido e eficiente, o que não vem acontecendo ao longo dos anos no distrito.

Segundo a pesquisa feita em site de avaliação de postos de saúde (UBS), 70% dos moradores de Cândia estão insatisfeitos com os serviços de saúde prestados pela Prefeitura Municipal de Pontal. Há críticas ao atendimento e recursos oferecidos pelo posto de saúde instalado no distrito, mas a maioria é contra o sistema de ambulâncias, muito lento.

Teoricamente, a UBS disponibiliza atendimentos de pediatria, ginecologia e clínica geral. Mas, as consultas são rápidas e realizadas por um único médico que é clínico geral. Segundo Lourdes de Almeida Silva, 66 anos, dona de casa, “é muito rápido, às vezes nem dá tempo de fazer um atendimento completo”.

## MÉDICO ATÉ ÀS 14 HORAS

“O médico não atende sem ter hora marcada; em casos de emergência temos que correr para outra cidade”, comenta Thais Eduarda Fidel, 26 anos, dona de casa. São realizadas trinta consultas ao dia, de segunda a quinta-feira, das 8h às 14h. Depois, o posto fica aos cuidados das enfermeiras, sendo somente uma formada em curso superior de Enfermagem. As demais são técnicas.

José Inácio Aragão, 62 anos, mecânico, diz que “se algum morador precisar de atendimento depois das 14h é melhor ir diretamente para Pontal ou outra cidade próxima, “porque se vier aqui no posto não vai adiantar de nada.”

O expediente da UBS é encerrado às 17h. Depois desse horário e nos finais de semana, o distrito não conta com nenhum tipo de assistência médica. Em caso de emergência, a população tem que se deslocar para Pontal, a cidade mais próxima, podendo ir também para Sertãozinho, a 17 km, ou Sales Oliveira, a 23,5 km.



Posto de saúde de Cândia: fechado depois das 17h e sem transporte de emergência

Nesses momentos, a população enfrenta um outro grave problema. Nem sempre a ambulância está disponível.

## MORTES POR DEMORA NO SOCORRO

Uma das principais queixas dos moradores é não encontrar o veículo no posto do próprio distrito. Para não correr ainda mais risco, muitos nem fazem o chamado da ambulância, indo para o hospital em seus próprios veículos. “Meu pai passou mal e a ambulância não estava disponível e demoraria muito para voltar. Fui obrigado a pegar o carro emprestado com meu vizinho para conseguir levá-lo ao hospital”, conta o motorista Airton Luiz de Souza.

A falta da ambulância não é um problema recente. Há outras denúncias de demora para a chegada do resgate. O caso mais recente, citado por uma fonte anônima, foi o de uma funcionária da escola es-

tadual de Cândia, 48 anos, que veio a óbito dentro da instituição de ensino, por conta da demora de 47 minutos para chegada de uma ambulância. O filho dessa vítima, um ano após a perda da mãe, ainda não consegue falar sobre o assunto.

Esta não foi a primeira morte por falta de ambulância. “Meu pai passou mal há oito anos e foi a mesma situação. A ambulância demorou muito para chegar e ele veio a falecer”, relata Maria Marcia Costa Carvalho, 58 anos, dona de casa.

Procurada pela reportagem, a assessora de imprensa da Prefeitura de Pontal informou que foi destinada uma nova ambulância para o distrito. Porém, esse novo veículo apenas substituiu o antigo que estava muito velho. Dessa forma, não há ampliação do resgate e nem melhoria do atendimento em saúde, especialmente o emergencial, aos moradores de Cândia.



Moradores de Cândia relatam óbitos por atraso de ambulância

# SALES OLIVEIRA, A CAPITAL DA PALHA

UM EM CADA TRÊS MORADORES TRABALHA NA FABRICAÇÃO DE CIGARROS, FUMOS E ARTESANATOS



André Merice

Palheira Santa Rita conta com quase 80 funcionários

## ANDRÉ MERICE

Com uma produção que pode chegar a 308 milhões de toneladas na safra de 2022/23, o Brasil é o terceiro maior produtor e o segundo maior exportador de milho, segundo dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Enquanto o grão impulsiona cada vez mais o agronegócio em território nacional, a palha é a atividade econômica predominante em Sales Oliveira (SP), município a 55km de Ribeirão Preto.

Nomeada “Capital da Palha” em 2017, a cidade conta com aproximadamente 12 mil habitantes. Desses, estima-se que um em cada três moradores trabalham no ramo de fabricação de produtos com essa matéria-prima.

Segundo levantamento da Prefeitura, o município conta com 72 empresas registradas no ramo de agronegócio, que se dividem em três setores de produção. Na fabricação de fumo são 24, enquanto 20 se dedicam ao artesanato e 28 são de manufatura de cigarros.

“Quando comecei a trabalhar com o agronegócio, era apenas um fundo de quintal. Hoje, com muito esforço, consegui construir uma indústria. Aqui, produzimos palhas para cigarros. Há todo um processo para entregar o melhor para os clientes”, afirma Fátima

ma Massuqui Dalben, empresária que atua no setor há mais de 40 anos.

## RESÍDUOS E OPORTUNIDADES

Mesmo que seja considerada um resíduo agrícola, a palha em Sales, se transforma em matéria-prima resultante de um processo cuidadoso e trabalhoso.

“Com recursos oriundos das fazendas, tenho um processo de produção lento, mas muito eficiente”, explica Fátima. O primeiro passo consiste em colher o milho, depois retirar a palha e em seguida estufar todo o material recolhido. Estufar significa colocar as palhas em recipientes fechados, contendo válvulas para extravasamento do gás que se acumula.

O material fica ali depositado por 24 horas, quando é retirado e avaliado para separação das palhas que terão condições boas de serem utilizadas.

“Após isso, medimos o tamanho da palha e a cortamos. Em seguida, rasgamos e selecionamos as melhores para depois colocar em uma prensa, empalar, fazer os últimos ajustes, embalar e vender”, conta Fátima.

Em 2021 os produtores tiveram dificuldade para adquirir matéria-prima. “Nós colhemos aqui na região, mas passamos por situações difíceis no ano passado. Em 2022, graças a Deus, estamos conseguindo manter a produção, mesmo com as dificuldades da pandemia”, acrescenta.

## GERAÇÃO DE EMPREGOS

Por ser um trabalho fácil, no sentido de aprendizado e por não exigir nenhum curso técnico a palha atrai não só moradores de Sales Oliveira, bem como cidades vizinhas, como Orlândia, São Joaquim da Barra e Morro Agudo.

A fábrica de Fátima, que começou em um simples cômodo, tocada por membros da família, emprega hoje 80 pessoas. A empresa fornece todo o tipo de segurança e conforto aos funcionários, além de estar comprometida com os seus direitos.

“Todos com carteira de trabalho registrada. Além disso, fornecemos segurança e qualidade para o empregado. Ainda, contamos com um advogado. Tudo para atender da melhor maneira”, finaliza a empresária.



Processo de tratamento da palha

# EM JABOTICABAL, UMA LAGOA INTEIRA SUMIU DO MAPA

A LAGOA DO PETA, QUE JÁ FOI ABUNDANTE EM ÁGUA E PEIXES, AGORA SÓ TEM MATO E LIXO



A Lagoa era conhecida como um local de divertimento para a população

## JOÃO ANDRÉ GREGIO

Localizada na região norte da interiorana Jaboticabal (SP), entre os bairros Barreiro, Parque dos Laranjais e Morada do Campo, a Lagoa do Peta era conhecida por todos os jaboticabalenses como uma espécie de monumento natural da cidade. Ali, aconteciam atividades de pesca e rituais religiosos como batismos de igrejas evangélicas e de religiões de matrizes africanas.

A Lagoa também era um local de lazer e divertimento. Adolescentes e crianças nadavam em suas águas que, na época, eram abundantes e limpas. A profundidade chegava a dois metros, segundo Luiz Carlos Moura, ex-pescador. Hoje aposentado, Moura lembra muito bem daqueles tempos. “Lá tinha três tipos de peixe, um deles era a tilápia. Teve uma vez que pegamos dois sacos de tilápias”.

Porém, desde 2010, o nível de água vem diminuindo drasticamente e hoje é praticamente um pequeno círculo barrento que em nada lembra a abundância do passado. Segundo dados extraídos do Google Earth, as dimensões da Lagoa, com o passar dos anos, caíram de 39.305m<sup>2</sup> para 3.570m<sup>2</sup>, uma diminuição de 90,9%.

Junto com o fim das águas, os moradores reclamam do abandono da área. “Isso é resultado do descaso do poder público e da sociedade civil. Durante décadas nada foi feito para salvar a lagoa”, postou um morador em uma rede social, recentemente. A população também teoriza que os novos loteamentos ao redor fizeram com que a Lagoa diminuísse.

Segundo a professora Aline Branco de Miranda Lazari, formada em Enge-

nharia Civil pela Faculdade de Engenharia Civil de Araraquara e professora de Hidrologia e Recursos Hídricos do curso de Engenharia Civil, da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), os moradores têm uma certa razão. “Mas, há influência também dos níveis de chuva que vem diminuindo devido às mudanças climáticas”, explicou, em relação ao nível das águas.

Aline afirma que existem vários motivos para o desaparecimento do lago. Um deles é a que o nível água de é mantido pelo nível do lençol freático e, este, por sua vez, se mantém pela infiltração da água no solo. “Quando não existe infiltração ou ela é pouca como no caso das áreas urbanizadas, o nível do lençol freático vai baixando.”

Uma outra teoria é que, por haver muitas chácaras no entorno da Lagoa do Peta, pode estar ocorrendo retirada excessiva de água do subsolo. Alguns moradores comentam que há poços escavados sem outorga, ou seja, sem

consentimento da Prefeitura. Se isso, de fato, ocorrer, “o abastecimento das chácaras pode super explorar os lençóis freáticos”, explica a professora Aline..

Para revitalizar a área, segundo a professora, é preciso aumentar áreas de infiltração por meio de jardins, calçadas com espaços reservados para grama e outras vegetações, aumentando as áreas permeáveis nos terrenos particulares, nas praças e áreas públicas. “Tudo o que possa promover a infiltração e reabastecer o lençol freático.”

A Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente de Jaboticabal, no entanto, afirma não ter nenhum projeto de revitalização para o local por este ser uma propriedade privada.

Porém, segundo um processo da CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) de número 1387/2010 e TCRA (Termo de Compromisso de Recuperação Ambiental) de N° 70646/2012 existe uma área verde e de reflorestamento no local. O secretário da pasta não retornou à equipe de reportagem quando perguntado sobre este Termo de Compromisso.

## SUPOSTAS MORTES DE CRIANÇAS

A história da cidade em torno da Lagoa do Peta é datada do início do século 20. Nas palavras do historiador Clóvis Capalbo, a Lagoa fazia parte da fazenda dos irmãos Peta, uma propriedade herdada do pai, cujo apelido era Velho Peta. Lá, eles construíram um barracão para guardar as ferramentas agrícolas. Só que com o tempo, os irmãos seguiram suas vidas em outras profissões e a área ficou abandonada.

Em 1943, o advogado Churchill Reynolds Locke, filho do canadense Robert Todd Locke, de uma das fa-

## A DIMINUIÇÃO DA LAGOA DO PETA





mílias mais tradicionais, que tinha saído de Jaboticabal em 1927 por causa da morte de seu pai, voltou para a cidade. Nesse retorno, visitando vários pontos, ele se maravilhou com aquele antigo barracão e a lagoa dos Peta.

Alí, ele teve a ideia de construir uma fábrica de doces que funcionou até o começo dos anos de 1950. Depois disso, o barracão virou lugar para a realização de festas e eventos, garagem de ônibus e por fim uma fábrica de tijolos.

Começa aí uma outra etapa da fama da Lagoa. Para a produção dos tijolos, a olaria começou a retirar a matéria-prima, argila e areia, do fundo do lago, formando buracos profundos. A partir dali, surgem as histórias de afogamento de pessoas, principalmente crianças.

Não demorou muito para que o lago ganhasse a fama de assombrado e maldito e comesçassem a correr histórias sobre as mortes. Uma lenda foi criada: as almas dos que ali morreram puxavam as crianças para o fundo do lago.

Hoje, junto com as águas da Lagoa do Peta, até as lendas estão desaparecendo.

ANTES



Desconhecido

DEPOIS



João André de oliveira gregio

## JABOTICABAL ATLÉTICO, PATRIMÔNIO MUNICIPAL, EM RUÍNAS

APÓS FALÊNCIA E ESTÁDIO DESATIVADO, CLUBE SEGUE ATIVO NAS CATEGORIAS DE BASE

### KELVIN VENDITO

Fundado no dia 23 de abril de 1911, o Jaboticabal Atlético, também conhecido como Jotão, é um tradicional clube de Jaboticabal e região. Com as cores alvinegras, o clube colecionou grandes feitos e uma bonita história no futebol paulista, porém, atualmente, o clube se encontra em fase de reestruturação após ter sua falência decretada.

Em 2009, a Justiça do Trabalho aprovou o leilão do patrimônio do clube, incluindo o Estádio Dr. Robert Todd Locke e a área social, para saldar dívidas e resolver a falência. Toda a área foi leiloadada no mesmo ano e arrematada por R\$ 1,3 milhão, tornando-se propriedade particular e está desativada desde 2012.

A antiga casa do Jotão foi inaugurada em 14 de abril de 1912 e possuía capacidade de quase 11 mil lugares. Com a desativação, o espaço está deteriorado, com mato alto, restando apenas parte de sua fachada.

O ex-jogador das categorias de base do clube, o volante Victor Jans, ressaltou a experiência de jogar no Jotão. “Foi uma experiência muito gratificante, pois saber de toda a história do

clube, de grandes jogadores que passaram por aqui e poder fazer parte disso é algo incrível. Tenho a chance de contar para as pessoas de fora o sentimento de um dia ter jogado em clube com tanta história e tradição como o Jaboticabal Atlético”, diz.

Quando Jans se refere a grandes atletas que passaram pela equipe, um

dos nomes da cidade é o ex-jogador Pedrão, que começou no clube por volta de 1997 e pouco tempo depois seguiu para clubes importantes no cenário nacional, chegando até ao futebol dos Emirados Árabes.

A trajetória fora de Jaboticabal começou no Botafogo-SP em 2003, time que subiu para a Série B do Campeo-



Kelvin Vendito

Campo em ruínas e treinos até fora da cidade



Kelvin Vendito

Fachada do “Estádio da Marechal”: estádio abandonado deixa saudades

nato Brasileiro em 2022, além de estar na primeira divisão do Campeonato Paulista. Em seguida, jogou no Taquaritinga, Barretos e chegou ao Grêmio Barueri, onde ficou de 2004 até 2008. De lá foi para o Al Shabab onde jogou de 2009 até 2010. No retorno ao Brasil, Pedrão jogou no Goiás e outros clubes.

#### DEPOIS DA TRÁGICA FALÊNCIA

Jans conta que a retomada foi uma de suas maiores motivações após a trágica falência. Com a venda do estádio, o clube havia ficado sem divisão no Campeonato Paulista e sem recursos para seguir em frente.

Com o leilão do estádio e da área social do clube, o Jaboticabal Atlético ficou parado. A retomada dos treinos e participação das equipes de divisões de base em campeonatos voltou a acontecer anos depois com a destinação do Campo José Antônio da Fonseca, no Jardim das Rosas, para treinos e jogos.

O volante, juntamente com a equipe sub-19 da época chegaram à final da Taça Paulista, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, nacionalmente conhecido como Pacaembu, em 2019.

“A trajetória até à final foi bastante complicada, as viagens eram muito longas e em grande parte das vezes viajávamos no mesmo dia dos jogos. Chegavam muitas equipes muito bem

estruturadas, como por exemplo, o time da Jalesense, que possuía mais recursos financeiros que nós e as demais equipes”, disse ele sobre a trajetória até à final.

Sobre a finalíssima, ele comentou que foi uma experiência única. Ele sabia tudo que o estádio do Pacaembu já vivenciou, como final de Libertadores e grandes nomes do futebol mundial que jogaram lá.

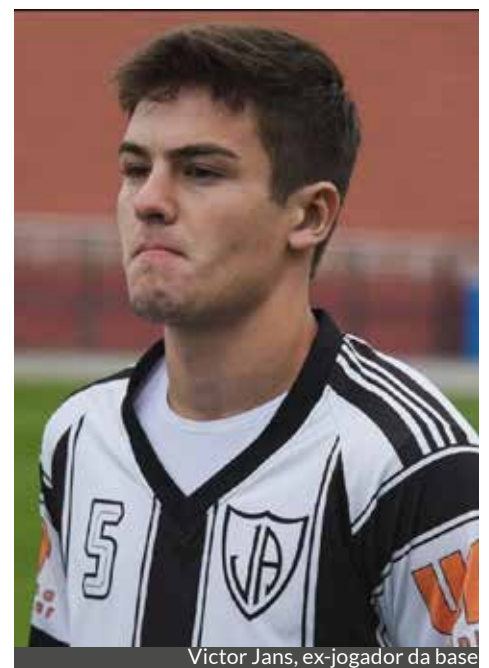
“A energia que o estádio passa é totalmente diferente quando se está lá dentro, e, principalmente, jogando uma final. Realmente era um sonho de criança poder jogar em um estádio como o Pacaembu”, explica Jans.

Infelizmente o resultado dessa final não foi favorável para o Jotão, que perdeu por 2x0. Mas, o que ficou para o clube foi a força de vontade e a persistência. Victor Jans acredita “ter sido algo que alavancou muito sua carreira. Os diretores e o presidente do Jaboticabal Atlético ainda continuam persistindo no clube. “Sabemos que não é algo fácil reestruturar um time com mais de 100 anos de tradição.”

Atualmente, o clube possui apenas as categorias de base. Não é possível ter um time profissional porque o Jaboticabal Atlético não possui um estádio com a capacidade mínima exigida

da pela Federação Paulista de Futebol, que é de cinco mil pessoas.

Dessa forma, uma nova casa ou a retomada do antigo Estádio Dr. Robert Todd Locke seria um dos caminhos viáveis para volta à elite. Dessa maneira, o Jaboticabal Atlético disputa apenas campeonatos nas categorias de base. O clube também conta com escolinha de futebol para crianças que desejam aprender o esporte.



Victor Jans, ex-jogador da base

# DIOGUINHO, O BANDIDO QUE NUNCA MORREU

FAMOSO ASSASSINO, FOI OFICIAL DE JUSTIÇA EM SÃO SIMÃO E SE REFUGIAVA EM UM MORRO DA CIDADE

MANU RAMOS

Diogo da Silva Rocha (1863-1897) é o mais famoso bandido da região de São Simão, onde teria cometido a maioria dos mais de 100 homicídios que lhe são imputados. Desses crimes sempre foi absolvido em todos os processos, principalmente pelo fato de ser amigo de grandes fazendeiros locais, os coronéis da cidade e região. Dioguinho também tinha o cargo de oficial de Justiça no Fórum da cidade de São Simão, o que contribuiu para que os processos em seu nome nunca fossem para frente.

Bem relacionado, associou-se a vários latifundiários e políticos. Foi um dos fundadores do Partido Republicano de São Simão e, em 16 de novembro de 1889 assinou a ata da Câmara Municipal, aderindo à República. Na cidade, corre a história de que ele seria matador de aluguel. “Quando criança, eu ouvia isso dos mais velhos”, conta Dulce Cristina Arantes, de 56 anos, empregada doméstica, mais conhecida como

Tina. Talvez seja essa a razão de jamais ter sido preso, pois apesar da lenda de assassino implacável, Dioguinho jamais foi julgado e condenado.

Autoridades e políticos assinavam documentos atestando que Diogo da Silva Rocha, era homem de intocável conduta e grande honestidade. “Inegável assassino profissional”, afirma o historiador e escritor, Júlio Chiavenato, em seu livro “São Simão: A História Contada pelo Povo”. O pagamento dos serviços prestados por Dioguinho – sem que haja provas – era feito com gado, segundo contam os moradores que vão passando, de geração em geração, essa e outras histórias e lendas.

“Ele era psicopata mesmo, tinha prazer em matar e de várias formas. Era sádico, tanto que dizem que ele cortava as orelhas das vítimas e fazia um colar com elas”, comenta Glória Carvalho, de 65 anos, coordenadora administrativa e monitora do Museu de São Simão.

Esse e outros “causos” relativos ao bandido se espalharam por todo o interior do estado de São Paulo e chega-

ram a rincões distantes, onde, apesar de nunca ter estado, também diziam de seus assassinatos e resguardavam cuidados quando corria boato de que Dioguinho andava nas redondezas.

## HISTÓRIA DE AMOR

Histórias nunca escritas, contadas de boca em boca, preservam a memória sobre Dioguinho e seus crimes na cidade. Uma das principais é descrita por Lúcia Aparecida Burim Querido, 81 anos, aposentada, conhecida como Cidinha. Nesse caso, uma história de amor.

“Olivinha era filha do coronel Cândido Cirino de Oliveira. Ela era uma menina muito triste, dizem que porque tinha os pés tortos e seus pais não sabiam mais o que fazer para alegrá-la. Então, seu pai perguntou o que ela queria, o que poderia fazer para ela se animar. A moça disse que queria aprender a tocar piano e seu pai comprou o instrumento musical e contratou um professor de Piracicaba para vir dar aulas para ela todas as quartas-feiras. Naquela época não havia professor na cidade.



Dioguinho, famoso por suas maldades, também tinha simpatizantes

Olivinha e o professor começaram a se envolver e ela engravidou. O pai, sabendo disso, tirou a menina da cidade. Em uma quarta-feira, chamou Dioguinho para dar um fim no professor. O rapaz chegou na casa da namorada, foi entrando e deu de cara com Dioguinho e seus capangas. O matador perguntou se ele queria morrer com um copo de veneno, um tiro na testa ou uma facada. O professor escolheu o copo de veneno. Ninguém sabe se Olivinha chegou a ter o filho”, narra Cidinha.

Contam as lendas que o assassino era famoso pelas crueldades na hora de executar suas vítimas “Ele colocava um copo de veneno e um revólver e pedia para as pessoas escolherem como iam morrer”, afirma Tina, que, quando criança, ouviu os mais velhos contarem.

Mas, além dos crimes, também contavam sobre algumas qualidades de Dioguinho. Uma delas, era sobre sua fidelidade. Sempre se mostrou muito fiel aos seus comparsas e quando precisavam, ele estava lá “Quando o Dioguinho era oficial de Justiça aqui em São Simão, ele e o carcereiro libertaram vários presos aqui da cadeia da cidade. Foi uma loucura”, conta Cidinha.

## HERÓI E VILÃO

Outra história que costuma ser recontada com frequência é a do batedor de bolo, do antigo Hotel São Simão. “A avó da minha tia tinha um hotel no centro (da cidade) e ela fazia bolo sempre porque sabia que ele ia passar lá para comer. Um dia, ele passou correndo e a massa ainda estava crua. Então ele passou o dedo na batedeira, que era de madeira, e falou ‘tchau, tchau, estou correndo, a polícia quer me pegar’. Então, nesse batedor de bolo, ele passou a mão”, destaca Cidinha, afagando o rudimentar aparelho de madeira. Ela tem tanto apreço por essa antiguidade que nem para o Museu quis doar.

As mulheres guardam uma memória de vilão misturada com herói. Um herói romântico que, quando estava de bom humor, gostava de cantarolar a música “Róseas Flores d’Alvorada” cuja autoria é desconhecida.

Mas, apesar das boas lembranças, segundo Cidinha, o único ato de caridade que ela sabe é que uma vez ele ajudou uma mulher desesperada com uma criança. “A mulher disse para ele: ‘a criança está doente, ela vai morrer e ainda sem batismo’. Ele batizou a criança, que a gente podia batizar em caso de morte e fez todo o funeral, ficou lá naquela noite com a mulher, pagou todas as despesas e depois antes de ir embora falou: ‘eu sou o Dioguinho e não sou tão mau como todo mundo fala’. É o único



Cidinha e o histórico batedor de bolo de madeira da sua tia-avó

Manu Ramos

caso que eu conheço de uma coisa boa que ele fez”.

Mesmo dizendo ser o único caso, Cidinha faz questão de contar outras. Uma delas é que Dioguinho era religioso e devoto de Nossa Senhora. “Ele era católico e fazia orações marianas. Um dia ele estava bordando um manto de nossa Senhora, pois estava chegando o dia da santa e ele queria dar um manto para ela. Um homem passou na rua, olhou ele bordando e riu. Ele tentou matar o homem de tudo quanto que é jeito, mas o homem foi esperto; esse ele não conseguiu”, narra a moradora

As pessoas o tratam como herói, principalmente os mais antigos. “Às vezes, se a pessoa não tinha dinheiro para consulta, ele pagava a consulta, ele dava dinheiro para as pessoas”, conta Glória.

Dioguinho também adorava pseudônimos e usava esses diferentes nomes conforme o lugar em que estava, para não ser reconhecido. Mas, o que ele mais gostava era “Condor”, ave que voa muito alto.

Mas, como toda boa lenda, a história de Dioguinho não tem final. Dizem que ele foi emboscado e morreu, mas seu corpo nunca foi encontrado. Por isso, os antigos moradores acreditavam que ele permanecia vivo, com outro nome, mo-

rando na capital, segundo alguns. Ou em outra pequena cidade interiorana, como assassino de aluguel disfarçado de homem comum, acreditavam outros.

## TRILHA DO DIOGUINHO

A trilha do Dioguinho é um ponto turístico muito visitado em São Simão, no interior de São Paulo, a 280 km da capital. O caminho possui 7,1 km e foi inaugurado oficialmente em 2019.

De acordo com a lenda, o assassino percorria esses caminhos para se evadir das autoridades e se esconder no Morro do Cruzeiro, então coberto por densa vegetação.

“Ele vivia ali, no Morro do Cruzeiro, tanto que hoje tem a trilha do Dioguinho. Dizem que tinha uma gruta onde ele vivia escondido e que dessa gruta ele via São Simão inteiro, mas antigamente era muito mato, né? então ele vivia escondido nessas matas”, diz Tina.

Além de ser uma atração turística para moradores e visitantes da região, a trilha se tornou uma forma de preservação e conscientização da importância do meio ambiente.

Não se sabe ao certo se ele realmente se escondia no morro, mas o certo é que Dioguinho realmente viveu em São Simão e aterrorizou a vida de muita gente.